

## 7.

### **Visões diferentes sobre a avaliação de alunos portadores de paralisia cerebral**

Os professores de alunos portadores de Paralisia Cerebral podem encontrar dificuldades para realizar a avaliação destes alunos, pois devido ao grau do comprometimento motor que esses às vezes apresentam, poderá ser necessária uma adaptação no processo de avaliação. Ainda nos dias atuais, existem muitos professores que se utilizam apenas de provas e testes escritos para avaliação discente. Tal postura pode excluir a possibilidade de avaliar alunos portadores de cuidados especiais com mais propriedade, verificando a real construção do conhecimento.

Assim sendo, a avaliação destes alunos foi um dos aspectos salientados em nossas entrevistas, onde encontramos, em nossos entrevistados, três tipos de colocações: professores que disseram realizar avaliação sem dificuldade, professores que disseram necessitar do apoio do professor itinerante para realizar a avaliação e professores que disseram ter dificuldade de realizar avaliação.

- **Professores que disseram realizar avaliação sem dificuldade**

Os professores que expuseram tal posicionamento, demonstraram possuir, para estes alunos, uma forma diferenciada de avaliação, porém não mencionaram dificuldades em realizá-la.

Pudemos observar que alguns de nossos entrevistados disseram realizar uma avaliação baseada em princípios construtivistas, embora suas falas não sejam exatamente a expressão restrita do que essa posição pedagógica propõe. Tais princípios foram, expostos mediante colocações como:

*“Olha, a minha avaliação para estes alunos, ela tem que ser feita de forma diferente. Então, é mais a atuação dele dentro da sala de aula, se ele participa, se ele faz os trabalhos, porque eles têm condições de fazer, de uma forma mais lenta, mas têm. Se ele faz o trabalho e se ele atinge o objetivo, a minha avaliação, entendeu, não precisa de prova, de teste, para avaliá-lo. É mais no dia a dia.”*

Este professor nos faz entender que avalia este aluno durante sua aprendizagem, mediante sua participação e realização de trabalhos, porém não

menciona se leva em consideração o caminho que aluno percorre para atingir o objetivo final ou seja a aprendizagem, que seria o que realmente a posição construtivista recomendaria.

A abstinência de provas ou testes na avaliação de alunos, se usada com sabedoria, não é apenas benéfica para os estudantes portadores de Paralisia Cerebral, mas para todos os alunos. Em provas ou testes, os alunos se limitam a apresentar apenas um resultado que foi obtido em um dado momento, assim todo o processo anterior de construção do conhecimento para a obtenção daquele resultado é desprezado.

Em sua abordagem, este educador justifica sua forma de avaliar, afirmando que os alunos portadores de Paralisia Cerebral possuem condições de realizar trabalhos, de forma mais lenta, porém atingindo os objetivos propostos. Sendo assim, tal forma de avaliar considera este aluno como sendo capaz de aprender como os outros integrantes de sua turma.

Também encontramos um outro professor que enfatizou em sua fala considerar na avaliação destes alunos, além da participação, a integração e a força de vontade para realizar tarefas, expressando tal idéia da seguinte forma:

*“É lógico que a avaliação é diferente dos outros alunos, mas não existe dificuldade. Eu avalio eles de uma outra maneira, eu vejo eles com uma outra visão e procuro avaliar eles de uma outra maneira. De uma maneira geral, eu acho que eles têm assim, muita força de vontade de realizar as tarefas. Eu vejo mais eles pela força de vontade que eles têm para realizar uma tarefa, a integração deles, a participação, porque de uma certa maneira eles participam também.”*

Apesar deste professor explicitar que realiza a avaliação destes alunos de forma que considera como geral, enfatizando os aspectos que citamos acima, em nenhum momento é enfocada a avaliação da realização dessas tarefas ou seja da aprendizagem. Deve-se ter o cuidado de não se reproduzir um discurso baseado apenas em aspectos que sensibilizam os professores, já que no caso destes alunos deve caber ao professor a crença e a preocupação com o desenvolvimento da aprendizagem.

Outros professores disseram elaborar para seu aluno portador de Paralisia Cerebral, provas de múltipla escolha, porém demonstraram não saber se essa era uma forma eficaz. Eles nos passaram esta idéia mediante as seguintes colocações:

*“Eu tinha que fazer uma avaliação diferente dos colegas para ela. Talvez até porque eu não recebi uma informação, assim, como avaliar, ela era única na sala de aula, então eu tive uma avaliação diferente, geralmente fazia uma prova de múltipla escolha e perguntava para ela, tinha que ler a prova para ela, para ajudá-la e ela ia dizendo sim ou não, conforme ela achava que a resposta estava certa ou errada.”*

*“Eu não tenho dificuldade não, porque ele se expressa oralmente, com dificuldade mas ele se expressa e quando a gente faz uma avaliação mais adequada a ele, para marcar um X, ele responde numa boa. A gente tem condição de saber o conteúdo dele, o quanto ele aprendeu”*

A elaboração de uma prova de múltipla escolha pode ser uma alternativa eficaz, para professores que têm necessidade de se utilizar, prioritariamente, de provas ou testes escritos como instrumentos de avaliação. Cabe ressaltar que, de acordo com os outros professores acima mencionados, este tipo de avaliação pode ser substituído por um acompanhamento diário, observando a participação destes alunos na realização de trabalhos em grupo, nas realizações de tarefas individuais e no envolvimento nos debates e discussões em sala de aula.

Podemos focar também aqui, a necessidade que este aluno pode ter de não se sentir beneficiado ou valorizado, ao ver que existe um tipo de avaliação padronizada para a turma e ele é avaliado de forma diferente. É neste sentido que a prova de múltipla escolha tem o seu valor, para mostrar-lhe o quanto ele aprendeu e quanto ele é capaz, fazendo-o sentir integrado também ao nível de aprendizagem da turma.

- **Professores que disseram necessitar do apoio do professor itinerante para realizar a avaliação**

Quase todos os professores aludiram ao valor da presença do professor itinerante, tanto na sala de aula, auxiliando os alunos portadores de Paralisia Cerebral, como conversando com os professores sobre estes alunos. Este grupo de professores mencionou a importância do professor itinerante, especificamente, no processo de avaliação destes alunos. Sendo o professor itinerante um docente que é especializado para trabalhar com alunos portadores de necessidades educacionais especiais, incluídos em classes regulares e com seus respectivos professores, suas competências são: atender às necessidades educacionais destes alunos, orientar, informar e supervisionar os educadores que os recebem em sala de aula.

Como disse acima, os integrantes deste grupo contam sempre com o apoio de professores itinerantes para realizar a avaliação dos alunos portadores de Paralisia Cerebral e, até mesmo, esses professores, em alguns casos, se sentem isentos de realizar qualquer tipo de avaliação, como foi o caso de um professor que expôs esse posicionamento se expressando da seguinte maneira:

***“Eu não faço avaliação dela, não tem como fazer uma avaliação dela, até porque não é nenhum professor que faz a avaliação dela. É uma pessoa que vem exclusivamente para fazer avaliação de todas as disciplinas. Eu já estive conversando com esta professora que vem fazer esta avaliação, que faz o acompanhamento dela. Nós tentamos chegar a alguma conclusão, mas não conseguimos chegar a conclusão nenhuma.”***

Esse professor nos pareceu muito inflexível quando disse "que não tem como fazer uma avaliação de sua aluna", pois como já foi explicitado anteriormente, a avaliação, é um processo que pode ser realizado diariamente, através de observações realizadas pelo professor, durante o decorrer de todas as aulas. Dizendo não realizar nenhum tipo de avaliação, este professor responsabiliza a professora itinerante por todo o processo avaliativo destes alunos, se excluindo de qualquer participação.

Tal exclusão no processo de avaliação foi justificada pela tentativa fracassada de chegar a alguma conclusão, em conversa com a professora itinerante, sobre a avaliação de sua aluna portadora de Paralisia Cerebral. Acreditamos que o diálogo sobre um tema tão polêmico, quanto a avaliação, nunca deva se esgotar, pois seus pontos de discussão abrangem, não apenas como avaliar corretamente um determinado aluno que possui necessidades específicas, mas todos os alunos. Semelhante a colocação deste professor encontramos outro entrevistado que com relação a dificuldade de avaliação nos afirmou que:

*“Há (dificuldade) na hora que o itinerante não está junto. Quando ela está, não há dificuldade pois ela é que faz essa ponte”.*

Esse professor diz necessitar da presença do professor itinerante para fazer a ponte, entre a aprendizagem e a avaliação da turma em geral, e a aprendizagem e a avaliação destes alunos. Consideramos que, quanto mais o professor de turma estiver sensibilizado e com informação suficiente a respeito do potencial dos alunos portadores de Paralisia Cerebral, mais autônomo ele se sentirá para realizar a

avaliação deles, optando pela melhor maneira que lhe convier. Semelhante a este professor, nós encontramos um outro regente de turma que relatou não haver dificuldades quanto à avaliação de sua aluna, já que, segundo ele, a professora itinerante é que realizava as prova:

*"Não, porque a pessoa que fazia a prova para ela , fazia fácil de corrigir. Quando ela fazia a prova, vinha a professora itinerante e era ela que fazia a prova, ela perguntava à menina, que dizia sim ou não. Não houve dificuldade não."*

Novamente é mencionada, aqui, por este professor, a importância do professor itinerante para realizar a avaliação de sua aluna, deixando também de citar outras formas de avaliação além da prova. Explicita também a forma como a prova é aplicada à aluna, demonstrando ter conhecimento deste processo.

Houve também o caso de um professor que, quando indagado sobre se existiam dificuldades na avaliação de alunos portadores de Paralisia Cerebral, apesar de destacar a importância da participação do professor itinerante na avaliação, mencionou também a participação deste aluno nas aulas e a ajuda dos colegas:

*"No início ouve sim, mas depois eu me acostumei. Ele participa, ele fala. Os colegas ajudam a professora itinerante e quando ele participa, dando opinião sobre alguns assuntos."*

Mesmo que o professor itinerante auxilie o aluno a realizar uma avaliação mais sistematizada, ele também deve orientar os professores de turma no sentido destes se atentarem para a participação destes alunos nas atividades propostas à classe, ampliando a participação dos alunos e conseqüentemente, a qualidade da inclusão destes ao ensino regular.

Tivemos um caso de um professor entrevistado que afirmou que, mesmo contando com a ajuda da professora itinerante, possui dificuldades de realizar a avaliação de sua aluna portadora de Paralisia Cerebral:

*"Eu tenho dificuldade de avaliar, agora ela tem a professora assistente, ela que faz a prova, ela que vai adaptando a prova à aluna, e eu corrijo aquilo que a professora for indicando."*

Em nenhum momento, semelhante aos casos já apontados, este professor participa da avaliação de sua aluna, transferindo toda a responsabilidade para a

professora itinerante. Desta forma não há uma avaliação do desempenho da aluna durante todo o seu processo de aprendizagem e sim uma avaliação pontual de conceitos elaborados pela professora itinerante.

#### - **Professores que disseram ter dificuldade de realizar avaliação**

Os professores integrantes desse grupo que mencionaram durante as entrevistas possuir dificuldades para realizar a avaliação de alunos portadores de Paralisia Cerebral, deram diferentes justificativas. Esses professores apresentaram, além do desconhecimento quanto ao potencial destes alunos, uma falta total de maturidade para lidar com a questão. Houve um professor que disse, durante sua entrevista, ter todas as dificuldades para avaliar estes alunos, expressando seu pensamento da seguinte forma:

*“Todas as dificuldades. Primeiro, que eu não conheço o tipo de doença, não sei o que faço para ele, como é que eu vou avaliar este aluno. Não, o que estou fazendo é o seguinte: eu finjo que não vejo, entendeu, este aluno eu aprovo ele sem avaliar. Já que o colégio botou ele aqui e diz que eu tenho que, então eu vou aprovando. Mas eu não medi este aluno, eu não tenho como medir.”*

Apesar de dizer que existem dificuldades para avaliar os alunos portadores de Paralisia Cerebral, esse professor não busca nenhuma solução para saná-las. Dizendo não avaliar este aluno, ele realmente se exime de qualquer compromisso, o discrimina, já que o destrata na quando diz " finjo que não vejo... e vou aprovando" e, ainda, responsabiliza o colégio pela obrigação da aprovação deste aluno. Essas essas constatações apontam, também, a sua imobilidade diante de sua problemática. Tal postura perpetua mais ainda uma representação deste aluno como um educando incapaz de ser avaliado. Sendo assim, como um professor pode se empenhar no aprendizado de um aluno se sequer consegue avaliá-lo?

Um outro professor também se omitiu de qualquer responsabilidade para com este aluno e pôs a culpa, pela inadequação deste aluno, no sistema educacional:

*“Ele vai passando, vai, assim, passando. Vai passando porque o próprio sistema leva a isto. Não tem como não aprovar.”*

Esse tipo de crença faz com que os professores limitem as possibilidades de seus alunos, menosprezando o potencial de pessoas que podem e tem o direito de aprender como todo e qualquer aluno, mais uma vez apontando como o aluno com paralisia cerebral é discriminado. Fingir que aprova ou aprovando de qualquer maneira, dispensando a preocupação com a aprendizagem, é enganar tanto o aluno quanto toda a comunidade na qual este aluno vive, trazendo, invariavelmente, prejuízos futuros em sua carreira estudantil, pois a falta de uma avaliação para o acompanhamento da aprendizagem pode deixar lacunas que podem se tornar irreparáveis.

A promoção deste aluno para séries mais adiantadas traz consigo uma gama de valores a respeito deste aluno, que afeta tanto o aluno, quanto às pessoas que o cercam, causando uma expectativa ruim com relação ao seu futuro. Pensamos que não é desejável uma inclusão apenas física, com a presença apenas deste aluno na classe regular ou uma inclusão de mentira, ilusória. O que realmente defendemos é que seja dada a oportunidade a este aluno dele aprender como os demais, com suas singularidades sejam respeitadas. Sendo a avaliação um momento primordial para darmos prosseguimento a qualquer trabalho pedagógico, não se pode descartá-la, sejam quais forem as peculiaridades apresentadas por eles. Um outro professor nos relatou avaliar incorretamente sua aluna:

*“você avalia ela incorretamente, porque você avalia ela com um sentimento de não sei, você não consegue avaliar como você avalia os outros alunos. Você acaba avaliando ela com um sentimento assim de coitadinha ou “coitada, ela só tem este limite”, e não é bem assim, porque num grupo em que ela tivesse condição de mostrar, dentro do que se espera de uma pessoa com PC, ela seria avaliada justamente, avaliando se ela tem interesse, se ela está se esforçando, se ela, dentro daquele limite, está procurando fazer.”*

Além deste professor apontar que este tipo de avaliação é incorreto, ele aponta a subjetividade negativa que está cercado o processo avaliativo. O sentimento de coitadinha faz com que o professor se comporte como se estivesse fazendo um ato de caridade, mascarando o seu real compromisso político-pedagógico. Apesar de ter consciência que essa posição é errônea em relação a esta questão, este educador fala, em sua entrevista, que a única solução é colocar este aluno em um grupo separado, se referindo talvez a uma escola ou classe especial, onde, apenas assim, este aluno pudesse mostrar seu limitado potencial.

O paradigma da inclusão nos propõe a superação deste discurso que, durante muito tempo, fez com que muitos alunos portadores de Paralisia Cerebral e de outras deficiências ficassem impedidos de freqüentar as escolas de ensino regular. Esta visão é fruto de uma representação, que ainda hoje perdura, onde o aluno portador de necessidades educacionais especiais era visto como um problema a ser resolvido exclusivamente pela educação especial, fazendo com que, vários alunos capazes de se integrar à escola regular ficassem restritos à ambientes segregados do convívio com os demais estudantes, como nos lembra Fonseca (1995):

No passado, a EE e toda a sua superestrutura apontava o dedo de acusação para a criança deficiente. No futuro, provavelmente, teremos de o apontar para o sistema de ensino (p.210).

Esse autor se refere à questão central da inserção do aluno portador de deficiência no ensino regular. A obrigatoriedade da inclusão de alunos portadores de deficiências, em escolas juntamente com os demais alunos, já está fazendo com que todo o sistema de ensino se responsabilize por esses educandos, não sendo esta uma responsabilidade apenas da educação especial. A aceitação destes alunos pelo professor e o seu empenho para realizar um bom trabalho são alicerces fundamentais na construção de uma escola inclusiva.

A incerteza em saber, se o que é corrigido na avaliação escrita é realmente uma demonstração do raciocínio de sua aluna, ou se o raciocínio lógico corrigido foi o da professora itinerante, foi uma dificuldade levantada por um professor de turma que se refere ao professor itinerante chamando-o de "auxiliar":

*“Existe a dificuldade, no que concerne o que eu te falei, a minha indecisão em saber se literalmente ela está trabalhando este raciocínio dela, lógico, ou se o raciocínio lógico que eu estou corrigindo naquela avaliação foi da auxiliar.”*

Antes de avaliar o trabalho de um aluno deve-se conhecê-lo, avaliando sua participação em sala de aula, pois isso torna mais fácil reconhecer se o registro feito pela pessoa que dá o auxílio condiz realmente com o raciocínio do aluno. É importante também que o professor de turma tenha confiança, tanto na pessoa que irá fazer o registro escrito indicado pelo aluno, quanto no próprio educando; caso contrário, será realizada uma avaliação pautada em dúvidas e incertezas.

Durante uma das entrevistas, outro professor mencionou como dificuldade a dependência que sua aluna tem da presença de outras pessoas para

realizar os trabalhos propostos, acarretando assim, segundo este educador, uma avaliação pautada apenas na intenção desta aluna:

*“Olha, existem dificuldades, porque ela depende muito dos outros para fazerem o trabalho. Então a gente tem que estar sempre avaliando a intenção dela e não o resultado do trabalho. Porque como eu vou avaliar o trabalho, se é uma outra pessoa que está fazendo o trabalho de acordo com a opinião dela?”*

O professor que nos colocou esta questão ministra aulas de Artes Plásticas. Para uma pessoa com grandes alterações psicomotoras, como as apresentadas por muitos alunos portadores de Paralisia Cerebral, o trabalho realizado nas aulas de Artes Plásticas deve ser adaptado e uma das formas de adaptá-lo é acompanhar as indicações do que é criado pela mente da aluna. Esse é um trabalho extremamente fácil, quando se acredita na capacidade criativa destes alunos e quando o professor desta disciplina tem suficiente flexibilidade para entender que o ato de criar pode ser feito por alguém e sua "produção" materializada por outro. Aliás, todos os grandes mestres das Artes Plásticas tiveram seus artesãos auxiliares, que emprestavam suas mãos para a criação, baseada nos esboços dos Mestres que, nem por isso, perderam a autoria de suas obras.

Finalizando este capítulo, ratificamos a idéia que todo o material analisado nos fez constatar: dificuldade na avaliação de alunos portadores de Paralisia Cerebral, mas que deve ser vista como um desafio e, nunca, como uma impossibilidade. Talvez nos caiba, neste momento, indagar se estes professores sabem usar sua ação-reflexão sobre seu próprio fazer pedagógico para, assim, adaptá-lo, não somente às possibilidades desses alunos, mas às peculiaridades de cada um dos demais alunos.